

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Dança

Grande Auditório

Qui e Sex, 21h00

M/16

7 e 8 mar  
2024



Marina Otero  
*FUCK ME*

CCB

Direção e dramaturgia **Marina Otero**  
Intérpretes **Augusto Chiappe, Juanfra López Bubica, Fred Raposo, Matias Rebossio, Miguel Valdivieso, Cristian Vega, Marina Otero**  
Assistente de direção **Lucrecia Pierpaoli**  
Produção geral **Mariano de Mendonça**  
Espaço, luz e direção técnica **David Seldes, Facundo David**  
Espaço e desenho de luz **Adrián Grimozzi**  
*Design* de figurinos **Uriel Cistaro**  
Desenho de som e música **Julián Rodríguez Rona**  
Aconselhamento dramático **Martín Flores Cárdenas**  
Assistente de coreografia **Lucía Giannoni**  
Artista visual **Lucio Bazzalo**  
Montagem técnica audiovisual **Florencia Labat**  
*Styling* de figurino **Chu Riperto**  
Figurino **Adriana Baldani**  
Fotografia **M. Kedak, D. Astarita, A. Carmona, M. De Noia, M. Roa**  
Produção **Marcia Rivas**  
Distribuição e produção delegada **Otto Productions, T4, PTC Teatro**

Este espetáculo estreou-se em coprodução com o  
**Festival Internacional de Buenos Aires (FIBA).**

**INCLUI CENAS DE NUDEZ TOTAL**



## ***FUCK ME***

«Sempre me imaginei no meio do palco, como heroína, a vingar-me de tudo. Mas o meu corpo não aguentava tanta luta. Hoje, cedo o meu espaço aos intérpretes. Vou ver como emprestam o corpo deles à minha causa narcisista.»

Neste projeto, Marina Otero procura criar um espetáculo interminável sobre a sua vida.

*FUCK ME* é a terceira parte de uma trilogia, depois de *Andrea* e *Recordar 30 años para vivir 65 minutos*.

Esta nova obra analisa a passagem do tempo e as marcas deixadas no corpo. *FUCK ME* vai além das fronteiras entre documentário e ficção, dança e *performance*, acaso e representação.

## Nota de intenções

Todo o meu trabalho consistiu em nada mais do que uma espécie de regresso de Ulisses a Ítaca, uma forma de procurar o regresso ao território da infância, e de me encontrar com aquela menina que eu era, que se calava porque não sabia ser, estar. E só encontrei calma no exercício de fazer coreografias com as minhas primas.

Sergio Blanco, dramaturgo franco-uruguaio, que admiro, diz «Do trauma à trama». Eu poderia distorcer a citação: «Do trauma à trama e do drama à transformação.» Não acredito que o trabalho nos cure, mas ao escrever nomeamos, e na busca de poetizar a dor distanciamos-nos, portanto, essa dor torna-se mais suportável. Rimbaud disse «eu sou outro». Para compreender o mundo é necessário conhecer-se, e para conhecer-se é necessário assumir a visão do outro.

Nas minhas criações estou interessada em procurar por uma identidade entre autor, narrador e protagonista que se torne não apenas um ato narcisista, mas também um sacrifício oferecido ao espectador. Tento ir contra o conforto, tanto com o espectador quanto comigo mesma, expor áreas obscuras, dizer ou fazer algo que nos coloque numa situação desconfortável. Todos nos escondemos para não sentir as feridas. Continuamos a corrida inatingível sem sequer saber para onde vamos. Corremos porque o que importa é correr. Correr para evitar ser atingida por ferimentos.

«Se tento lembrar-me, invento-me», disse Serge Doubrovsky, escritor francês que cunhou o termo «autoficção» no final dos anos 1970, para definir um tipo de narrativa que propõe um cruzamento entre a história real da vida do autor e uma história fictícia. Embora as minhas obras sejam baseadas na biografia, não existe um verdadeiro pacto com a biografia, pois de alguma forma lembrar é retocar.

Mas se há um pacto com a minha memória, as imagens desgastadas pelo tempo poetizam e deformam «o que é real». A memória é a fonte de onde surge também o material coreográfico das minhas criações. Como nomear a ausência? Quando as palavras não chegam ao corpo completo. A obra situa-se nesse espaço entre o corpo e a palavra, entre o que existe e o que falta, entre o que percebemos conscientemente e o que é incompreensível.

A obra *FUCK ME* é a terceira parte da primeira trilogia do projeto *Recordar para viver*, um projeto eterno no qual sou o meu próprio objeto de investigação e que trata da passagem do tempo. Mais do que tudo porque gosto que falem de mim... E se eu não falar, quem vai falar...? Quem vai colocar o corpo na minha causa narcisista sem ver um cêntimo? Que corpo se vai comprometer a contar a minha vida até à morte? Só o meu.

O ego dá-me o impulso para me vingar de tudo o que perdi. Interessa-me pensar a ficção como um campo de batalha, para fazer justiça ao que não foi feito na vida real. Mas, ao mesmo tempo, a guerra é reduzida a um binómio: vencer ou perder. É por isso que o ritual da criação implica entrega. Interessa-me procurar um território ficcional onde a submissão e a revolta se unam, onde o corpo até então pessoal se torne universal.

No teatro grego, no centro do palco havia um altar onde era sacrificado um cordeiro em homenagem ao deus Dionísio. Em cada apresentação de uma obra, algo é sacrificado no palco. O sacrifício oferece as duas faces, a da destruição e a da salvação, num único ato. Um ato de morte que dá vida.

Mas nas minhas obras não existem cordeiros reais, poderíamos dizer que no contexto latino-americano os *performers* são os cordeiros, já que a nossa carne é oferecida na maioria das vezes em troca de nada, ou melhor, em troca de um ato de Fé.

O que é o teatro senão um ato de fé? Um pacto com um Deus invisível para nos tornar visíveis. Talvez a única justificação para o sacrifício seja esta: tornar-se visível para o outro. Ser ou não ser.

**Marina Otero**



© astadiego

*Sexo, autodestruição e regeneração: isto é Marina Otero a voltar à vida.*  
**Mariana Duarte, Público, 22 de maio de 2022**

*Talvez, em parte, FUCK ME exiba o que hoje apelidam de «artes vivas», com códigos e truques fotocopiados, mas existe muita autenticidade e surpresa na proposta de Otero. Também muito humor. FUCK ME é uma tempestade de ficção autobiográfica – o rótulo da moda de autoficção é inevitável aqui – que passou pelo crivo da paródia. Uma enorme piada cheia de drama com a qual Otero define com precisão – e atravessa com mestria – as fronteiras atuais entre a vanguarda e a acomodação.*  
**Miguel Ayanz, Volodia, 23 de novembro de 2022**

*[Com FUCK ME, Marina Otero] volta a percorrer uma linha ténue entre o documentário e a ficção ou a dança e a performance. As suas próprias marcas no corpo de uma vida vivida até ao limite foram levadas ao palco por esta criadora juntamente com outros cinco magníficos intérpretes.*

**Alejandro Cruz, La Nación, 18 de janeiro de 2024**



Marina Otero © Nora Lezano

## Marina Otero

É encenadora, *performer*, autora e professora. Atualmente vive em Madrid. Criou o projeto *Recordar para viver*, baseado na construção de uma obra interminável sobre a sua própria vida até ao dia da sua morte. *Andrea*, *Recordar 30 años para vivir 65 minutos*, *Fuck me* e *Love me* fazem parte deste projeto eterno. Atualmente está a criar o espetáculo *Kill Me*, com estreia prevista para maio de 2024 e em coprodução com Teatros de Canal (Madrid), Printemps des Comédiens (Montpellier), HAU (Berlim), Théâtre du Rond-Point (Paris), Théâtre des Célestins (Lyon) e selecionado para o apoio Iberescena 2024. Os seus espetáculos andaram em digressão em todo o mundo e foram apresentados na Alemanha, Espanha, Itália, França, Suíça, Portugal, Singapura, Dinamarca, Bélgica, Áustria, Grécia, Polónia, Israel, Sarajevo, Perú, Chile, Colômbia, México, Brasil, Uruguai e Argentina. Com *Fuck Me* venceu o Prémio do Público ZKB – Theatre Spektakel 2021 – Zurique. Com *Recordar 30 años para vivir 65 minutos* conquistou o prémio de Melhor Direção de Dança na Bienal de Arte Jovem 2016 (Buenos Aires). Com *200 golpes de Jamón serrano* recebeu o prémio Estrella de Mar (Mar del Plata). Como professora, coordena *workshops* e seminários criativos. As suas propostas pedagógicas foram recebidas na Argentina, França, Perú e Espanha.

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA  
A TEMPORADA 2023/2024



COFINANCIADO POR

